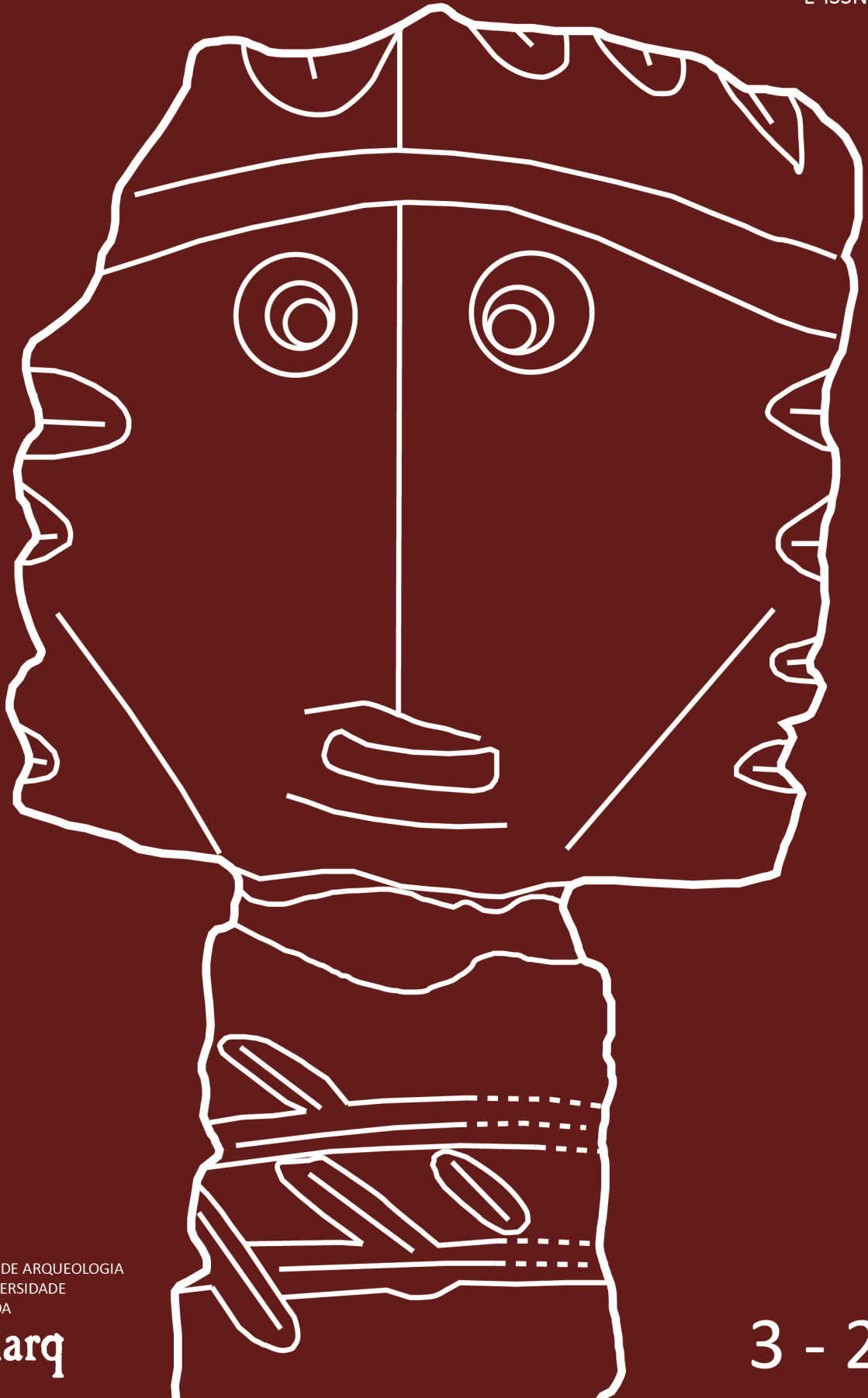


OPHIUSSA

REVISTA DO CENTRO DE ARQUEOLOGIA DA UNIVERSIDADE DE LISBOA

ISSN 1645-653X
E-ISSN 2184-173X



OPHIUSSA



UNIVERSIDADE
DE LISBOA



LETRAS
LISBOA

FCT

Fundação para a Ciência e a Tecnologia
MINISTÉRIO DA CIÊNCIA, TECNOLOGIA E ENSINO SUPERIOR



CENTRO DE ARQUEOLOGIA
DA UNIVERSIDADE
DE LISBOA

uniarq

OPHIUSSA. Revista do Centro de Arqueologia da Universidade de Lisboa

ISSN 1645-653X / E-ISSN 2184-173X

Publicação anual

Volume 3 – 2019

Direcção e Coordenação Editorial:

Ana Catarina Sousa
Elisa Sousa

Conselho Científico:

André Teixeira (Universidade Nova de Lisboa)
Carlos Fabião (Universidade de Lisboa)
Catarina Viegas (Universidade de Lisboa)
Gloria Mora (Universidad Autónoma de Madrid)
Grégor Marchand (Centre National de la Recherche Scientifique)
João Pedro Bernardes (Universidade do Algarve)
José Remesal (Universidade de Barcelona)
Leonor Rocha (Universidade de Évora)
Manuela Martins (Universidade do Minho)
Maria Barroso Gonçalves (Instituto Superior de Ciências do Trabalho e da Empresa)
Mariana Diniz (Universidade de Lisboa)
Raquel Vilaça (Universidade de Coimbra)
Xavier Terradas Battle (Consejo Superior de Investigaciones Científicas)

Secretariado: André Pereira

Capa: André Pereira sobre amuleto de osso de Mirobriga (desenho de Filipe Sousa).

Revisor de estilo: Francisco B. Gomes

Paginação: Elisa Sousa

Impressão: Europress

Data de impressão: Dezembro de 2019

Edição impressa (preto e branco): 300 exemplares

Edição digital (a cores): www.ophiussa.letras.ulisboa.pt

ISSN: 1645-653X / E-ISSN 2184-173X

Depósito legal: 190404/03

Copyright © 2019, os autores

Edição: UNIARQ – Centro de Arqueologia da Universidade de Lisboa, Faculdade de Letras de Lisboa, 1600-214 – Lisboa.
www.uniarq.net - www.ophiussa.letras.ulisboa.pt - uniarq@letras.ulisboa.pt

Revista fundada por Victor S. Gonçalves (1996).

O cumprimento do acordo ortográfico de 1990 foi opção de cada autor.

Esta publicação é financiada por fundos nacionais através da FCT - Fundação para a Ciência e a Tecnologia, I.P., no âmbito do projecto UID/ARQ/00698/2013.

ÍNDICE

CÉSAR NEVES - <i>O Neolítico Médio em Portugal: percurso de investigação</i>	5
SEBASTIÁN CELESTINO PÉREZ - ESTHER RODRÍGUEZ GONZÁLEZ - <i>El santuario de Cancho Roano C: un espacio consagrado a Baal y Astarté</i>	27
JOÃO PIMENTA - CARLOS TAVARES DA SILVA - JOAQUINA SOARES - TERESA RITA PEREIRA - <i>Revisitando o espólio das escavações de A. I. Marques da Costa em Chibanes: os dados proto-históricos e romano-republicanos</i>	45
GIL VILARINHO - <i>A terra sigillata do Castro de Romariz (Santa Maria da Feira, Aveiro): da romanização ao abandono de um povoado fortificado no Noroeste Peninsular</i>	81
ANA MARGARIDA ARRUDA - <i>Ânforas da Quinta do Lago (Loulé, Portugal): as importações</i>	93
FILIPA ARAÚJO DOS SANTOS - <i>Estudos sobre a cerâmica comum da Oficina de Salga 1 de Tróia (Grândola, Portugal): contextos da primeira metade do século V</i>	111
CATARINA FELÍCIO - FILIPE SOUSA - <i>Dois amuletos em osso de Mirobriga - evidências do culto de Magna Mater?</i>	133
TÂNIA MANUEL CASIMIRO - SARAH NEWSTEAD - <i>400 years of water consumption: early modern pottery cups in Portugal</i> ..	145
JOAQUINA SOARES - LÍDIA FERNANDES - CARLOS TAVARES DA SILVA - TERESA RITA PEREIRA - SUSANA DUARTE - ANTÓNIA COELHO-SOARES - <i>Preexistências de Setúbal: intervenção arqueológica na Rua Vasco Soveral 8-12</i>	155
RECENSÕES BIBLIOGRÁFICAS (textos de António F. Carvalho, Victor S. Gonçalves, Francisco B. Gomes, Carlos Pereira, Jesús Acero Pérez e Carmen R. Cañas).....	185
<i>IN MEMORIAM</i> - PEDRO MIGUEL CORREIA MARQUES (1979 - 2019) (texto de Amílcar Guerra).....	211

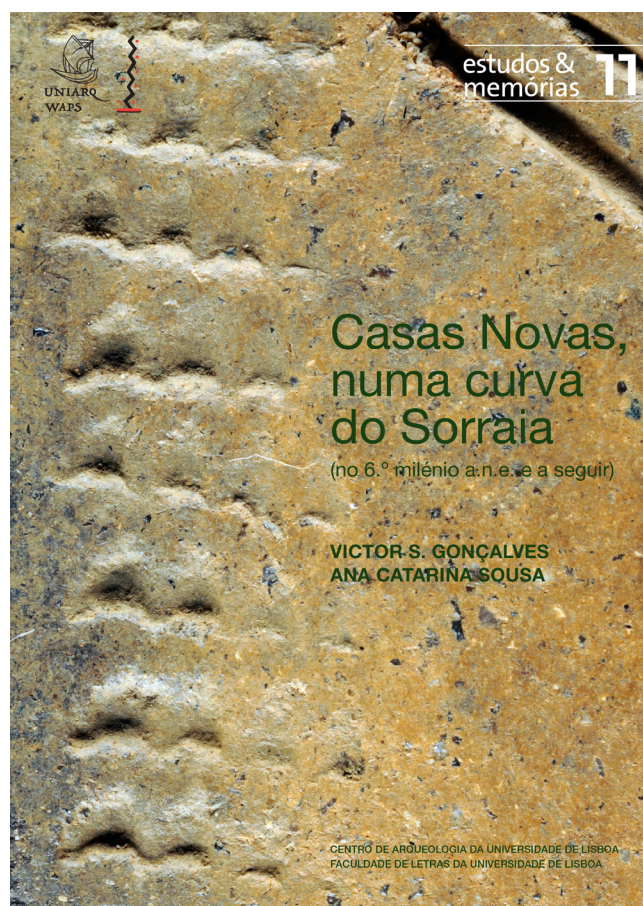


OPHIUSSA

RECENSÕES BIBLIOGRÁFICAS

GONÇALVES, V. S. – SOUSA, A. C., 2018, CASAS NOVAS, NUMA CURVA DO SORRAIA (NO 6.º MILÉNIO A.N.E. E A SEGUIR). LISBOA: CENTRO DE ARQUEOLOGIA DA UNIVERSIDADE DE LISBOA (ESTUDOS & MEMÓRIAS, 11), 129 PP. COM FIGURAS [ISBN 978-989-99146-6-7].

ANTÓNIO FAUSTINO CARVALHO *



A obra tratada na presente recensão reúne os resultados dos trabalhos de campo de 2010 e 2011, e dos estudos subsequentes, conduzidos por Victor dos Santos Gonçalves e Ana Catarina de Sousa, em Casas Novas, sítio neolítico do concelho de Coruche, distrito de Santarém. Trata-se do 11.º volume da coleção monográfica Estudos & Memórias publicada pelo Centro de Arqueologia da Universidade de Lisboa. E, logo aqui, um duplo “detalhe” salta à vista: o grafismo da coleção, que se mantém num elevado patamar de qualidade, e a regularidade em que é publicada. É hoje em dia a única série monográfica de arqueologia no nosso País que se pode orgulhar de ambos os factos.

A estrutura da obra segue o modelo clássico deste tipo de trabalhos. Inicia-se com a apresentação

do sítio e da sua localização, segue-se a discussão das opções tomadas na sua escavação, a descrição da estratigrafia e das estruturas identificadas, uma análise aprofundada da cultura material, depois as questões de cronologia e de inserção regional, e por fim uma síntese final, breve mas certa em muitos aspetos cruciais para o entendimento deste sítio. Que, diga-se desde já, se conforma como um excelente caso de estudo de um certo tipo de realidades arqueológicas do Neolítico Antigo português, tema que merecerá alguns comentários adiante. Àquela sucessão de capítulos, todos redigidos pelos autores citados, segue-se ainda um conjunto de estudos levados a cabo por investigadores convidados: a análise traceológica de uma amostra de artefactos de pedra lascada, por Juan Gibaja Bao; a caracterização petrográfica das produções cerâmicas, por Nuno Inácio; a análise de composição da pasta branca que preenche decorações cardiais, por Carlos P. Odriozola; e o estudo de negativos de sementes de cereais detetados em pedaços de “barro de cabana”, por Hans-Peter Stika.

Na apresentação que tive a oportunidade de fazer desta obra aquando do seu lançamento, no final da tarde de 22 de novembro de 2018 na Faculdade de Letras da Universidade de Lisboa, mencionei uma reflexão que a sua leitura me suscitara: valerá a pena fazer estudos monográficos, considerando a disponibilidade de tempo e o esforço que estes implicam, a diversos títulos, da análise sistemática dos materiais à coordenação da equipa e ao acompanhamento da publicação propriamente dita, numa época em que tanto se valorizam institucionalmente publicações internacionais em regime de *peer-review*? Como naquela ocasião, retomarei esta questão depois de rever e discutir alguns dos temas para os quais esta monografia carrega dados fundamentais, se não mesmo únicos até ao momento, na investigação do Neolítico de Portugal.

Assim, um dos aspetos fundamentais do sítio de Casas Novas é desde logo a sua localização — “numa curva do Sorraia”, como eloquentemente o titulam os autores — em área de solos leves, arenosos e bem drenados, com baixo declive. Portanto, em teoria, os solos mais favoráveis a uma agricultura de tipo primitivo, como a que supomos ter sido praticada por estas gentes. Acresce a este fator a facilidade de circulação proporcionada pela suave orografia da região e pelo próprio rio que a estrutura. E este aspeto, que não está particularmente sublinhado na obra, é a meu ver muito relevante. Porém, estas

condições naturais acarretam também limitações muito sérias quanto à conservação do registo arqueológico. Como referido a pp. 24, “Infelizmente estas boas condições de habitabilidade em épocas neolíticas são prejudiciais em termos de conservação do registo arqueológico (nomeadamente restos orgânicos), uma vez que os solos destes sítios são formados por cascalheiras ou areais com acidificação do solo e boa drenagem. O uso histórico de estes terraços para exploração agrícola e de areeiro ainda amplificou os enormes problemas tafonómicos [...]”

Perante este cenário, as opções metodológicas dos autores na abordagem ao sítio, que passaram por várias etapas, pareceu-me de perfeita adequação aos problemas que se podiam perspetivar à partida: prospeção superficial extensiva, levantamento geofísico, e seleção criteriosa de áreas-chave para abertura de sondagens (oito, no total). Todo este esforço permitiu concluir pela presença de uma área de dispersão de vestígios muito elevada (estimada em cerca de 30 ha), uma densidade muito baixa de artefactos e a existência de diversas estruturas antrópicas (lareiras, fossas, estruturas pétreas diversas), dispersas mas com alguma concentração em particular nas designadas Sondagens 5 e 6. Assim, como interpretação geral de Casas Novas, encontramos em vários passos da monografia frases que caracterizam muito bem o tipo, a densidade e a frequência estimável da presença neolítica neste local: “sítio apenas ocupado sazonalmente” (p. 34), “sucessão de episódios de ocupação” (p. 46), “uma ocupação esparsa, compatível com o carácter não permanente desta ocupação” (p. 103), deduções que fazem todo o sentido perante os dados obtidos em escavação e que serão mesmo, no meu entender, a chave para o entendimento geral do sítio e das realidades neolíticas que conserva. Deduções estas que também nos mostram quão enganadores podem ser os resultados de análises globais das componentes artefactuais, ou outras, recolhidas neste tipo de contextos.

Emerge então deste panorama uma grande questão — aliás comum a qualquer sítio de ar livre ocupado de forma recorrente — que é a determinação de cronologias finas e a definição de níveis de ocupação singulares no interior dos depósitos arqueológicos assim formados. Com efeito, sítios neolíticos de ar livre constituem-se frequentemente como palimpsestos arqueológicos, reunindo ocupações mais ou menos separadas no tempo. A amplitude temporal dos testemunhos cerâmicos campaniformes e proto-históricos que se

encontram em Casas Novas é de imediata percepção. A dificuldade surge, porém, quando os momentos de ocupação são pouco separados no tempo e não nos legam fósseis-diretores que os permitam identificar e apartar à partida. E como os principais fósseis-diretores se encontram nas produções cerâmicas, concordo com os autores quando afirmam estar perante uma realidade atribuível ao VI milénio. E, de facto, elementos típicos do milénio seguinte, tais como vasos com sulco sob o bordo, asas bífidas, ou decoração em “falsa folha de acácia”, estão ausentes do inventário publicado. Resta-nos, deste modo, centrar a discussão em torno de duas técnicas decorativas concretas, estas sim bem representadas em Casas Novas e às quais se têm atribuído, não sem discussão, o papel de indicadores cronoculturais específicos: o *cardial* e o *“boquique”* (que os autores preferem apelidar de *“punto y raya”*).

No que respeita à primeira, parece-me haver alguma inconsistência quanto à inventariação, ou quantificação, da sua frequência no atual território português para efeitos comparativos. Não se podem comparar *número de fragmentos* com *número de vasos*, como se faz a pp. 176-177 da monografia. Deixando de lado achados isolados, o inventário atualmente disponível de cerâmica *cardial* resulta, na realidade, na seguinte listagem: Galeria da Cisterna da Gruta do Almonda (Torres Novas), 74 fragmentos que permitiram a individualização de um número mínimo de 18 vasos; Cabranosa (Vila do Bispo), dezenas de fragmentos não contabilizados (soltos e remontados nos vasos restaurados), 2 vasos; Casas Novas (Coruche), 11 fragmentos, 2 vasos; Abrigo da Pena d'Água (Torres Novas), 6 fragmentos, 3 vasos; e Cerradinho do Ginete (Torres Novas), 5 fragmentos, 2 vasos (apenas contagens do material da campanha de 2001). Infelizmente não conhecemos ainda dados referentes aos importantes sítios de Lapiás das Lameiras (Sintra) ou Vale Pincel I (Sines), onde os respetivos autores das escavações afirmam ser escassa a cerâmica *cardial*. Seja como for, aqueles valores colocam efetivamente Casas Novas entre os três sítios onde mais frequente parece ser este tipo de cerâmica. Note-se, a propósito, que o preenchimento da decoração a pasta branca em Casas Novas e na Galeria da Cisterna se conforma como um traço estilístico comum a ambos os sítios interessante de registar.

Já quanto à cerâmica de tipo *boquique*, tem-se vindo a defender a ideia de que esta é também coeva dos momentos iniciais de neolitização da Península Ibérica (Alday - Moral del Horno 2011), e é verdade:

encontram-se decorações assimiláveis a boquique em El Barranquet, na província espanhola de Alicante, datado de 5500 a.C., e o boquique está também presente nas primeiras produções cerâmicas do Neolítico do interior peninsular. Aqueles autores, no entanto, defendem o mesmo modelo de antiguidade para o caso português, ao verificarem que a sua distribuição coincide com os núcleos mais precoces de neolitização da região centro. O problema subjacente a esta interpretação é que não encontra suporte na cronologia absoluta fiável (isto é, a obtida a partir de elementos de vida curta recolhidos em contextos fechados). Se não, vejamos: na Encosta de Sant'Ana (Lisboa), o boquique está datado de 5000 a.C.; nos Armazéns Sommer (Lisboa), de cerca de 5050 a.C. (a julgar pela mediana da calibração publicada); na Valada do Mato (Évora), de 4900 a.C.; e a norte do Tejo apresenta datas posteriores a 5000 a.C. nos sítios da Quinta da Assentada (Fornos de Algodres) e Prazo (Vila Nova de Foz Côa). O caso da Pena d'Água é ainda mais esclarecedor do carácter tardio do boquique no quadro cronoestratigráfico geral do Neolítico Antigo do nosso território e, portanto, da inexistência de uma correlação positiva entre este e o cardial. Como é sabido (Carvalho 1998), aquele abrigo revelou três horizontes culturais pertencentes a este período. No inicial (camada Eb-base), sem datações fidedignas, surge apenas o cardial, isto é, sem que se tenha reconhecido qualquer fragmento de boquique associado; no nível intermédio (camada Eb-topo), que conta com uma datação relativamente fiável de 4700 a.C. (carvões de uma lareira), surge o primeiro boquique, a par das últimas manifestações cardiais; e no último nível (camada Ea), o cardial desapareceu mas o boquique mantém-se. Esta perduração do boquique atingirá pelo menos os inícios do Neolítico Médio, tanto na própria Pena d'Água como no habitat de ar livre vizinho da Costa do Pereiro, onde está datado de 3900 a.C.

Que consequências traz este panorama para o caso concreto de Casas Novas? Na minha opinião, demonstra que Casas Novas representará um espaço de episódios sucessivos de frequentação neolítica, como defendido pelos autores do estudo, num processo que se inicia por meados do VI milénio a.C. com cerâmica cardial (entre outros tipos) e que terá atingido uma etapa posterior, já perto da viragem do milénio, em que este tipo decorativo e o boquique terão coexistido nos mesmos contextos originais e — muito paradigmaticamente — no mesmo recipiente. Refiro-me, claro, ao notável bordo cerâmico "V.15-91" da Sondagem 2. A datação de cerca de 5600 a.C.,

obtida a partir de carvões de espécie indeterminada recolhidos do interior de uma estrutura negativa, não deve ser sobrevalorizada, e as temporalidades que se escondem por trás da indústria lítica não são fáceis de perceber, apesar de alguns traços interessantes (percentagem elevada de trapézios sem tratamento térmico, "flechas transversais" de retoque invasor, microburis, furadores sobre lâmina...). Com os dados atualmente existentes também não faz sentido defender a hipótese de uma presença da Imprensa itálica, em Casas Novas assim como em qualquer outro local do nosso território, por muito estimulante que essa possibilidade possa ser.

A pp. 234 da monografia refere-se ser "do campo da ficção" avançar com hipóteses a respeito da estrutura económica e social dos grupos humanos que frequentaram Casas Novas na segunda metade do VI milénio a.C. Este estudo mostra-nos, no entanto, um contraste muito nítido — ou mesmo uma oposição estrutural — entre Casas Novas e sítios da Baixa Estremadura, como Carrascal (Oeiras) e, principalmente, Lapiás das Lameiras (Sintra), a que creio não devermos ficar indiferentes. Estes últimos sítios, com efeito, demonstram a presença de sociedades bem enraizadas no território envolvente, com uma economia de produção plenamente afirmada (onde predominam animais e plantas domésticos), e estruturas domésticas que testemunham um grau elevado de sedentarização (refiro-me em particular às estruturas de tipo silo encontradas no sítio de Sintra), o que não acontece noutros setores do nosso País, desde logo no Ribatejo e na restante Estremadura. Neste aspeto, Casas Novas aproxima-se muito da evidência que eu próprio tenho estudado no Maciço Calcário Estremenho: sítios abertos, sem estruturas perenes, e conjuntos artefactuais sugestivos de alguma mobilidade humana. Quando temos restos faunísticos, há sempre uma presença, mais ou menos importante, de fauna caçada. Quase diria que no VI milénio a.C. há sociedades neolíticas a duas velocidades (literalmente): umas mais móveis (estas nossas do Ribatejo e do Maciço), e outras mais fixadas no território (as da Baixa Estremadura). A reconstituição dos padrões demográficos e das estruturas de organização social que esta diferenciação traduzirá são, no entanto, mais complexos e, sim, podem fazer-nos cair na "ficção" desde logo porque não dispomos de suficientes elementos de análise. Mas o contraste está aí, e terá de ser investigado no prosseguimento da investigação.

Para terminar, duas breves conclusões. Casas

Novas é um dos sítios do Neolítico Antigo com maior área escavada no nosso País, tendo-se atingido um total de 404 m² após as duas campanhas de escavação; só Vale Pincel I, cuja área total foi calculada em 10 ha, tem uma área escavada bem maior, acima dos 2000 m² (Silva - Soares 2015). Julgo que não haverá um sítio desta cronologia, escavado nesta extensão e com a aplicação de metodologias semelhantes, nos próximos anos. Casas Novas configura-se assim como um caso de estudo paradigmático sobre estas realidades neolíticas de ar livre em Portugal. E a presente monografia será uma referência, por muito tempo, para quem quiser tratar deste tipo de sítios neolíticos de ar livre. Daqui, pois, a segunda conclusão: sim, vale a pena escrever monografias de sítio!

* - Universidade do Algarve, FCHS, Departamento de Artes e Humanidades. a.faustino.carvalho@gmail.com

Referências:

- ALDAY, A. - MORAL, S. (2011) - El dominio de la cerámica boquique: discusiones técnicas y cronoculturales. In BERNABEU, J. - ROJO, M.A. - MOLINA, L. (coords.), *Las primeras producciones cerámicas: el VI milenio cal AC en la Península Ibérica*. València (*Saguntum Extra* 12): 65-82.
- CARVALHO, A. F. (1998) - Abrigo da Pena d'Água (Rexaldia, Torres Novas): resultados das campanhas de sondagem (1992-1997). *Revista Portuguesa de Arqueologia* 1-2: 39-72.
- SILVA, C. T. - SOARES, J. (2015) - Neolitização da costa sudoeste portuguesa. A cronologia de Vale Pincel I. In GONÇALVES, V.S. - DINIZ, M. - SOUSA, A.C. (eds.), *5.º Congresso do Neolítico Peninsular*. Lisboa (*Estudos & Memórias* 8): 645-659.

OPHIUSSA

POLÍTICA EDITORIAL

A *Ophiussa* – Revista do Centro de Arqueologia da Universidade de Lisboa foi iniciada em 1996, tendo sido editado o volume 0. A partir do volume 1 (2017) é uma edição impressa e digital da UNIARQ – Centro de Arqueologia da Universidade de Lisboa.

O principal objectivo desta revista é a publicação e divulgação de trabalhos com manifesto interesse, qualidade e rigor científico sobre temas de Pré-História e Arqueologia, sobretudo do território europeu e da bacia do Mediterrâneo.

A *Ophiussa* – Revista do Centro de Arqueologia da Universidade de Lisboa publicará um volume anual. A partir de 2018, os artigos submetidos serão sujeitos a um processo de avaliação por parte de revisores externos (*peer review*). O período de submissão de trabalhos decorrerá sempre no primeiro trimestre e a edição ocorrerá no último trimestre de cada ano.

A revista divide-se em duas secções: artigos científicos e recensões bibliográficas. Excepcionalmente poderão ser aceites textos de carácter introdutório, no âmbito de homenagens ou divulgações específicas, que não serão submetidos à avaliação por pares. Isentas desta avaliação estão também as recensões bibliográficas.

Todas as submissões serão avaliadas, em primeira instância, pela Coordenação Editorial, no que respeita ao seu conteúdo formal e à sua adequação face à política editorial e às normas de edição da revista. Os trabalhos que cumprirem estes requisitos serão posteriormente submetidos a um processo de avaliação por pares cega / *blind peer review* (mínimo de dois revisores). O Conselho Científico, constituído pela direcção da UNIARQ e por investigadores externos, acompanhará o processo de edição.

Esta etapa será concretizada por investigadores externos qualificados, sendo os respectivos pareceres entregues num período não superior a três meses. Os revisores procederão à avaliação de forma objectiva, tendo em vista a qualidade do conteúdo da revista; as suas críticas, sugestões e comentários serão, na medida do possível, construtivos, respeitando as capacidades intelectuais do(s) autor(es). Após a recepção dos pareceres, o(s) autor(es) tem um prazo máximo de um mês para proceder às alterações oportunas e reenviar o trabalho.

A aceitação ou recusa de artigos terá como únicos factores de ponderação a sua originalidade e qualidade científica. O processo de revisão é confidencial, estando assegurado o anonimato dos avaliadores e dos autores dos trabalhos, neste último caso até à data da sua publicação.

Os trabalhos só serão aceites para publicação a partir do momento em que se conclua o processo da revisão por pares. Os textos que não forem aceites serão devolvidos aos seus autores. O conteúdo dos trabalhos é da inteira responsabilidade do(s) autor(es) e não expressa a posição ou opinião do Conselho Científico ou da Coordenação Editorial. A Revista *Ophiussa* segue as orientações estabelecidas pelo Committee on Publication Ethics (COPE, Comité de Ética em Publicações): <https://publicationethics.org/>

O processo editorial decorrerá de forma objectiva, imparcial e anónima. Erros ou problemas detetados após a publicação serão investigados e, se comprovados, haverá lugar à publicação de correções, retratações e/ou respostas. As colaborações submetidas para publicação devem ser inéditas. As propostas de artigo não podem incluir qualquer problema de falsificação ou de plágio. Para efeito de detecção de plágio será utilizada a plataforma URKUNDU.

As ilustrações que não sejam do(s) autor(es) devem indicar a sua procedência. O Conselho Científico e a Coordenação Editorial assumem que os autores solicitaram e receberam autorização para a reprodução dessas ilustrações, e, como tal, rejeitam a responsabilidade do uso não autorizado das ilustrações e das consequências legais por infracção de direitos de propriedade intelectual.

É assumido que todos os Autores fizeram uma contribuição relevante para a pesquisa reportada e concordam com o manuscrito submetido. Os Autores devem declarar de forma clara eventuais conflitos de interesse. As colaborações submetidas que, direta ou indiretamente, tiveram o apoio económico de terceiros, devem claramente declarar essas fontes de financiamento.

Os textos propostos para publicação devem ser inéditos e não deverão ter sido submetidos a qualquer outra revista ou edição electrónica. Aceitam-se trabalhos redigidos em português, inglês, espanhol, italiano e francês.

Esta edição disponibiliza de imediato e gratuitamente a totalidade dos seus conteúdos, em acesso aberto, de forma a promover, globalmente, a circulação e intercâmbio dos resultados da investigação científica e do conhecimento.

A publicação de textos na *Ophiussa* – Revista do Centro de Arqueologia da Universidade de Lisboa não implica o pagamento de qualquer taxa nem dá direito a qualquer remuneração económica.

Esta publicação dispõe de uma versão impressa, a preto e branco, com uma tiragem limitada, que será distribuída gratuitamente pelas bibliotecas e instituições mais relevantes internacionalmente, e intercambiada com publicações periódicas da mesma especialidade, que serão integradas na Biblioteca da Faculdade de Letras da Universidade de Lisboa. Conta, paralelamente, com uma versão digital, a cores, disponibilizada no endereço www.ophiussa.letras.ulisboa.pt, onde se pode consultar a totalidade da edição.

Para mais informações: ophiussa@letras.ulisboa.pt

OPHIUSSA

EDITORIAL POLICY

Ophiussa – Revista do Centro de Arqueologia da Universidade de Lisboa started in 1996, with the edition of volume 0. From 2017, this journal is a printed and digital edition of UNIARQ – Centro de Arqueologia da Universidade de Lisboa.

The main objective of this journal is the publication and dissemination of papers of interest, quality and scientific rigor concerning Prehistory and Archeology, mostly from Europe and the Mediterranean basin.

Ophiussa – Revista do Centro de Arqueologia da Universidade de Lisboa will publish an annual volume. From 2018, submitted articles will be subject to a peer-review evaluation process. The submission period will always occur in the first quarter of each year and the edition will occur in the last quarter.

The journal is divided into two sections: scientific articles and bibliographic reviews. Exceptionally, texts of an introductory nature may be accepted, in the context of specific tributes or divulgations, which will not be submitted to peer-review evaluation. Exemptions from this evaluation are also the bibliographic reviews.

All submissions will be considered, in the first instance, by the Editorial Board, regarding its formal content and adequacy in face of the editorial policy and the journal's editing standards. Papers that meet these requirements will subsequently be submitted to a blind peer-review process (minimum of two reviewers). The Scientific Council, constituted by the directors of UNIARQ and external researchers, will follow the editing process.

This stage will be carried out by qualified external researchers, and their feedback will be delivered within a period of no more than two months. The reviewers will carry out the evaluation in an objective manner, in view of the quality and content of the journal; their criticisms, suggestions and comments will be, as far as possible, constructive, respecting the intellectual abilities of the author (s). After receiving the feedback, the author(s) has a maximum period of one month to make the necessary changes and resubmit the work.

Acceptance or refusal of articles will have as sole factors of consideration their originality and scientific quality.

The review process is confidential, with the anonymity of the evaluators and authors of the works being ensured, in the latter case up to the date of its publication.

Papers will only be accepted for publication as soon as the peer review process is completed. Texts that are not accepted will be returned to their authors. The content of the works is entirely the responsibility of the author(s) and does not express the position or opinion of the Scientific Council or Editorial Board.

The Journal *Ophiussa* follows the guidelines established by the Committee on Publication Ethics (COPE, the Ethics Committee Publications): <https://publicationethics.org/>

The editorial process will be conducted objectively, impartially and anonymously. Errors or problems detected after publication will be investigated and, if proven, corrections, retractions and / or responses will be published. Contributions submitted for publication must be unpublished. Article submissions can not include any problem of forgery or plagiarism. In order to detect plagiarism, the URKUNDU platform will be used.

Illustrations that are not from the author(s) must indicate their origin. The Scientific Council and Editorial Board assume that the authors have requested and received permission to reproduce these illustrations and, as such, reject the responsibility for the unauthorized use of the illustrations and legal consequences for infringement of intellectual property rights.

It is assumed that all Authors have made a relevant contribution to the reported research and agree with the manuscript submitted. Authors must clearly state any conflicts of interest. Collaborations submitted that directly or indirectly had the financial support of third parties must clearly state these sources of funding.

Texts proposed for publication must be unpublished and should not have been submitted to any other journal or electronic edition. Works written in Portuguese, English, Spanish, Italian and French are accepted.

The publication of texts in *Ophiussa* – Revista do Centro de Arqueologia da Universidade de Lisboa does not imply the payment of any fee nor does it entitle to any economic remuneration.

This edition immediately and freely provides all of its content, in open access, in order to promote global circulation and exchange of scientific research and knowledge.

This publication has a limited printed edition in black and white, which will be distributed free of charge by the most relevant international libraries and institutions, and exchanged with periodicals of the same specialty, which will be integrated in the Library of Faculdade de Letras of Universidade de Lisboa. It also has a digital version, in color, available at address <http://ophiussa.letras.ulisboa.pt>, where one can consult the entire edition.

For more information contact: ophiussa@letras.ulisboa.pt

ÍNDICE

<i>CÉSAR NEVES</i> - O Neolítico Médio em Portugal: percurso de investigação	5
<i>SEBASTIÁN CELESTINO PÉREZ</i> - <i>ESTHER RODRÍGUEZ GONZÁLEZ</i> - El santuario de Cancho Roano C: un espacio consagrado a Baal y Astarté	27
<i>JOÃO PIMENTA</i> - <i>CARLOS TAVARES DA SILVA</i> - <i>JOAQUINA SOARES</i> - <i>TERESA RITA PEREIRA</i> - Revisitando o espólio das escavações de A. I. Marques da Costa em Chibanes: os dados proto-históricos e romano-republicanos	45
<i>GIL VILARINHO</i> - <i>A terra sigillata</i> do Castro de Romariz (Santa Maria da Feira, Aveiro): da romanização ao abandono de um povoado fortificado no Noroeste Peninsular	81
<i>ANA MARGARIDA ARRUDA</i> - Ânforas da Quinta do Lago (Loulé, Portugal): as importações	93
<i>FILIPA ARAÚJO DOS SANTOS</i> - Estudos sobre a cerâmica comum da Oficina de Salga 1 de Tróia (Grândola, Portugal): contextos da primeira metade do século V	111
<i>CATARINA FELÍCIO</i> - <i>FILIPE SOUSA</i> - Dois amuletos em osso de <i>Mirobriga</i> - evidências do culto de Magna Mater?	133
<i>TÂNIA MANUEL CASIMIRO</i> - <i>SARAH NEWSTEAD</i> - 400 years of water consumption: early modern pottery cups in Portugal	145
<i>JOAQUINA SOARES</i> - <i>LÍDIA FERNANDES</i> - <i>CARLOS TAVARES DA SILVA</i> - <i>TERESA RITA PEREIRA</i> - <i>SUSANA DUARTE</i> - <i>ANTÓNIA COELHO-SOARES</i> - Preexistências de Setúbal: intervenção arqueológica na Rua Vasco Soveral 8-12	155
RECENSÕES BIBLIOGRÁFICAS (textos de António F. Carvalho, Victor S. Gonçalves, Francisco B. Gomes, Carlos Pereira, Jesús Acero Pérez e Carmen R. Cañas)	185
<i>IN MEMORIAM</i> - PEDRO MIGUEL CORREIA MARQUES (1979-2019) (texto de Amílcar Guerra) ..	211

